

LIBERDADE NO ESPAÇO PÚBLICO: VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS DE PERSONAGENS CONSIDERADOS “LOUCOS”

SOUZA, Rivânio Raimundo de. – Aluno do curso de Licenciatura em História do CFP/UFCG. Bolsista PIBIC/CNPq/UFCG - 2002/2003.

SILVA, Maria de Fátima Pereira da. – Aluna do curso de Licenciatura em Ciências do CFP/UFCG. Bolsista PIBIC/CNPq/UFCG -2001/2003.

OLIVEIRA, Francisca Bezerra de. – Doutora, Professora do CFP/UFCG e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPB – João Pessoa – PB.

1. INTRODUÇÃO

A loucura, ao longo dos séculos, estabeleceu um parentesco com as culpas morais e sociais que parece longe de ser rompido, permanecendo nas representações sociais, no imaginário social e contribuindo para o processo de estigmatização do louco.

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa intitulado: **“Caracterização dos serviços substitutivos de saúde mental ao modelo manicomial de João Pessoa – PB”**, trabalha as vivências e as convivências de personagens considerados importantes, “loucos”, diferentes pelo imaginário popular, resgatando histórias de vida. Para isso, trabalhamos com o método da história oral.

Este método possibilita fazer história onde o passado não deixou rastros, nem fontes suficientes para alcançar o alvo investigado. É uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história, para dentro dos personagens e isso alarga seu campo de ação. Admite personagens excluídos da sociedade, como é o caso deste estudo que privilegia relatos sobre personagens considerados “loucos”, excêntricos.¹

Busca-se identificar sujeitos considerados loucos no imaginário social, em forma de narrativas, apresentando personagens presentes no cotidiano do cenário das ruas de Cajazeiras, com seus estilos, fragilidades, contradições, ansiedades e rebeldias. Procura-se contextualizar o objeto de estudo centrado na realidade social dos personagens realçando os fatos, com uma postura ativa, crítica e sistemática.

Questiona-se: como eram/são as vivências e as convivências dos personagens considerados “loucos” no imaginário popular da cidade de Cajazeiras-PB?

2. OBJETIVOS DO ESTUDO

Esta pesquisa procura apreender a história de vida de alguns personagens considerados “diferentes”, “loucos”, que circulavam/circulam pelos espaços públicos, ruas, praças, Igrejas, mercados, etc - da cidade de Cajazeiras-PB. Esses personagens tinham/têm subjetividades especiais e alguns deles já estiveram internados em instituições psiquiátricas e de acolhimento para idosos.

Nesse sentido, traçamos os seguintes objetivos:

- Construir a história de vida de personagens, considerados “loucos”, “diferentes” pela sociedade de Cajazeiras-PB;
- Refletir sobre suas vivências e convivências no cenário estudado.

3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1. Tipo de estudo e cenário da pesquisa

O estudo é do tipo exploratório e sócio-histórico. Segundo Koche,ⁱⁱ a pesquisa exploratória pressupõe que o pesquisador tenha um conhecimento aprofundado acerca do problema investigado. Dessa forma, buscou-se inicialmente apreender a realidade a ser investigada, considerando a sua multidimensionalidade, utilizando como método a história oral.

Segundo Thompson:

*A evidência oral transforma os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.*ⁱⁱⁱ

Para o autor, a história oral é um método profundo de se fazer história. A partir dela é possível construir a história de vida de pessoas de todos os estratos sociais, dar voz a sujeitos esquecidos e excluídos sócio-culturalmente.

A abordagem deste estudo é qualitativa, pois partilha a idéia de que o conhecimento é produzido numa interação dinâmica entre sujeito e objeto do conhecimento e envolve a observação de situações reais, por meio do testemunho subjetivo falado.

A cidade de Cajazeiras foi escolhida como cenário das histórias a serem contadas, por se constituir em um dos centros privilegiados de produção e difusão do saber especializado, de transformações em vários campos especialmente na área psiquiátrica. Cajazeiras está localizada no Alto Sertão da Paraíba, à 475km da capital João Pessoa. É um município de médio porte, com população predominantemente urbana, totalizando 54.706 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002). As suas principais atividades econômicas são o comércio e a agricultura.

Além disso, foi palco de vivências e convivências de várias pessoas consideradas “diferentes”, “loucas”, que tratadas como marginais, esquisitas nunca foram alvo de atenção social.

3.2. Sujeitos sociais e instrumentos utilizados

Os sujeitos deste estudo são cinco pessoas que conviveram com personagens considerados “diferentes” que circulavam/circulam pelos espaços públicos da cidade de Cajazeiras - PB. Os critérios para a inclusão dos sujeitos foram os seguintes:

- aceitar participar e ter disponibilidade para contribuir com a pesquisa;
- ter convivido com personagens importantes que circulavam em espaços públicos de Cajazeiras- PB.

Para a realização do estudo foram utilizadas entrevistas em profundidade e diário de campo. Neste tipo de entrevista são colocados poucos temas com questões simples e diretas.

A entrevista incluiu duas questões:

Quem foram/são os personagens considerados “loucos”, diferentes que circulavam/circulam nos espaços públicos de Cajazeiras?

Como eram as vivências e as convivências desses personagens no cenário em estudo?

Em relação ao diário de campo, é um instrumento de suma importância na pesquisa, serve para registrar as observações feitas no estudo de campo, possibilita o acercamento das falas, dos comportamentos dos sujeitos, permitindo, dessa forma, uma imersão nas informações colhidas e uma análise *à priori* de sua qualidade.

3.3. Procedimentos para coleta de dados

Após a escolha do local de investigação, apresentação dos objetivos do estudo e aceitação por parte dos sujeitos para participar da pesquisa, conforme preconiza a resolução 196/96 do Ministério da Saúde, procedeu-se a

coleta de dados, com o consentimento livre e esclarecido destas pessoas, para colaborar na pesquisa, começamos as entrevistas.

Inicialmente, procurou-se identificar alguns personagens, que eram/são considerados “diferentes”, “loucos” pela sociedade de Cajazeiras - PB. A identificação dos personagens ocorreu de maneira informal. Progressivamente, foi-se estabelecendo contatos, tanto nos locais de trabalho quanto em residências, com pessoas desse município que tiveram convivência com os personagens.

As entrevistas foram centradas em relatos sobre os seguintes personagens:

Personagem 1- “Rosa Preta” ou “Rosa Bêba”

Personagem 2- “Bié”

As entrevistas duraram em média 30 minutos, foram gravadas após a permissão dos entrevistados, e, posteriormente, transcritas. Algumas entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos depoentes e outras em suas residências. O material gravado foi etiquetado com identificação (nome; número da entrevista; entrevistador; data e local). Todas as fitas foram arquivadas e mantidas sob nossa guarda.

3.4. Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados descritivamente dando ênfase à história narrada sobre os personagens considerados “loucos” pela sociedade cajazeirense, possibilitando transitar entre dados empíricos e teóricos.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Reconstruindo a história de vida no imaginário social de cajazeiras

Conforme os depoimentos dos sujeitos que participaram da pesquisa, pessoas populares, diferentes nos modos de vestir, de falar, vagavam pelas ruas da cidade. Personagens estranhos, apresentando comportamentos diferentes, exóticos, que a sociedade os identificava/identifica como “loucos”. Entre esses personagens, alguns ficaram cristalizados no imaginário popular e são caracterizados da seguinte forma: *uma pessoa folclórica, histórica, querida, rezadeira, Barba Azul e artista*. Vários personagens foram identificados, mas, até o momento, as entrevistas versaram sobre dois personagens.

Personagem 1 - “Rosa Preta” ou “Rosa Bêba”

Rosa Preta ou Rosa Beba nasceu em 1922 e faleceu em 2002. De estatura baixa, magra e de cor negra, viveu grande parte da sua vida perambulando pelas ruas da cidade de Cajazeiras, esperando que alguma pessoa lhe oferecesse um gole de bebida. Ela sempre dizia uma frase que ficou bastante conhecida:

*Não tenho o perfume das outras;
Mas sou querida por todos.*

Segundo um depoente, esta frase significa que ela não tinha o perfume das outras rosas, mas era querida por todos que a conheciam. Às vezes Rosa bebia tanto até cair. Mesmo vivendo uma vida totalmente entregue ao vício do alcoolismo, era querida e conhecida na cidade.

Algumas pessoas da cidade tinham a representação dessa personagem como o símbolo da cachaça. Isto é evidenciado numa foto de Rosa afixada na parede do bar onde ela freqüentava diariamente. Como dispunha de poucos recursos financeiros, sua aposentadoria era usada para custear as despesas da família. Mas, em algumas circunstâncias, trocava alguns objetos que ganhava por um gole de cachaça. Geralmente, ela saía cedo de casa, muitas vezes saía de madrugada, passava ainda sóbria em frente à Igreja Nossa Senhora de Fátima. Começava assim, sua busca incansável por bebidas alcoólicas, de modo que às 11 horas da manhã já se encontrava bêbada e dormia na calçada. Quando alguém perguntava o seu nome ela respondia:

Sou Rosa Alves, não senhora eu sou Rosa Alves.

Aos setenta anos Rosa foi levada pelos seus vizinhos para o abrigo dos velhos “Luca Zorn”. O pretexto para convencê-la a ir morar nessa instituição foi o tratamento do pé que tinha uma ferida não cicatrizada, uma vez que o único recurso utilizado para o tratamento era um pano sujo amarrado no local, tendo no abrigo profissionais que poderiam ajudá-la. Mas o real motivo da ida de Rosa para o abrigo foi um filho e uma filha que ela tinha muito complicados. O rapaz havia desaparecido já há algum tempo, e a filha era uma doente mental que queria queimar, tocar fogo na casa com o desejo de matar a mãe. A partir deste motivo, cresceu um receio por parte da vizinhança que tinha medo que a filha a queimasse.

Durante o tempo que morou no abrigo a preocupação de Rosa era o bem estar de sua filha, quase todas as manhãs, ela dizia:

Telegrafa aí pra casa, que eu sei que Maria tá (...)

Conforme uma depoente, Rosa só ficava calma quando alguém “ligava”, ou seja, simulava um telefonema para sua casa e dizia que estava tudo bem com todos de sua família.

No abrigo ela era querida e recebia a atenção de todos. As pessoas que iam àquela instituição passavam muito tempo conversando com ela. A depoente acrescenta que:

Ela alegrou muito a nossa casa.

Muitos visitantes do abrigo pediam que Rosa rezasse em alguma parte do seu corpo que estivesse enferma. Ela atendia a todos com dedicação e carisma. Quando da realização do seu velório foi bastante homenageada.

Nesse sentido, uma depoente afirma:

Quando ela morreu, porque quando acontece com uma pessoa assim, mesmo humilde, mas famosa, você sabe que na rua comentam, o rádio fica bradando (...)

Rosa era uma pessoa que tinha uma singularidade especial, mesmo dependente do álcool, vivendo uma vida marcada pelo sofrimento psicossocial, pela dor e pelo “abandono”, conseguiu ser querida e amada por muitas pessoas de Cajazeiras – PB.

Dessa forma, é preciso, “re-significar os conceitos de saúde e doença, não mais como pólos opostos, como defende o pensamento racionalista mecanicista, mas como termos dialéticos. Trata-se de conceber a doença como expressão complexa da existência humana, e não como fratura de sua existência”.^{iv}

A multiplicidade da existência humana leva, portanto, à necessidade de conceber a noção de sujeito em uma nova perspectiva, não mais como sujeito da razão, da consciência como defendia o pensamento cartesiano, mas como sujeito da linguagem, da história, crítico, inventivo, capaz de amar e de odiar, sendo o único ser capaz de sonhar acordado. O ser humano é mutabilidade permanente, ou seja, “não possui uma identidade fixa e estável, mas identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas”.^v

Personagem 2 – Bié

Bié vivia nas proximidades da Catedral Nossa Senhora da Piedade e vagava diariamente pelo centro da cidade. Atualmente encontra-se no abrigo de idosos da cidade de Sousa – PB. Tem aproximadamente 70 anos, estatura média, cor branca. Na época que circulava em Cajazeiras tinha uma barba grande e recebeu o apelido de “Barba Azul”. Era alimentado na maioria das vezes pelos moradores que mantinham contato com ele. Na Igreja, esse personagem era conhecido pelas críticas que fazia as rezas.

Segundo um entrevistado, Bié dizia:

O que importa é a caridade, pois quando termina a missa todos vão pecar (...)

Ficava sempre irritado quando o chamavam de “Barba Azul”, porém ficava feliz quando o chamavam de Daniel, seu nome de batismo. Um detalhe importante: mesmo sendo um personagem que andava sujo e com um saco no ombro pelas ruas e avenidas de Cajazeiras, não recebia comida de todas as pessoas porque dizia que era “sobra”:

Bié circulava pelas ruas e avenidas de Cajazeiras todas as manhãs, cantarolando músicas religiosas, outras que ele mesmo criava e fazia também serenata para moradores que mantinham um vínculo afetivo com ele. Eventualmente conversava com as pessoas reclamando uma herança - um terreno - que havia sido tomado pelos familiares.

Apesar da pesquisa estar em fase de coleta de dados, pode-se afirmar que a história desses dois personagens que circulavam na cidade de Cajazeiras mostra que eles não eram agressivos e pareciam integrados em relações de vizinhança, de solidariedade e estabeleciam pactos com a sociedade.

A partir desses resultados preliminares, parafraseando Engel,^{vi} destaca-se que há sentimentos mistos e ambivalentes por parte das pessoas em relação aos personagens considerados “loucos”, diferentes, sentimentos que oscilam entre a aceitação e a rejeição. Contudo, existe na cidade de cajazeiras, um espaço de convivência entre o considerado diferente, “anormal” e o considerado “normal, no qual ambos sabem conviver um com o outro. Há, portanto, nesse momento histórico, uma certa receptividade em relação a alteridade e a diversidade.

Isso aponta a possibilidade de conviver com o diferente, respeitar sua singularidade configurando-se como um projeto de vida, no sentido “do reconhecimento de novos sujeitos de direito, de novos direitos para os sujeitos, de novas subjetivações daqueles que seriam objetivados pelos saberes e práticas científicas (...)”.^{vii}

Busca-se, com esse estudo, além do resgate da história de vida desses personagens, demonstrar que é possível a construção de uma sociedade mais solidária e justa na qual as diferenças, quaisquer que sejam, não representem formas de exclusão, mas, antes, modalidades ativas que conformam as multiplicidades possíveis de subjetividades. Feliz expressão de Edgar Morin,^{viii} para a qual sempre “há loucura na sabedoria e sabedoria na loucura”.

NOTAS:

ⁱ THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 18-19.

ⁱⁱ KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica** – teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

ⁱⁱⁱ THOMPSON, P. Op. Cit., 1998, p.137.

^{iv} OLIVEIRA, F. B. de. **Construindo saberes e práticas em saúde mental**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2002, p. 176.

^v _____; Fortunato, M. L. Conhecimento, ética e arte. In: OLIVEIRA, F. B. de; FORTUNATO, M. L. **Ensaio**: construção do conhecimento, subjetividade, interdisciplinaridade. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001, p. 94.

^{vi} ENGEL, M. G. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830 - 1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

^{vii} AMARANTE, P. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 121.

^{viii} MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.